



ESCREVER A PARTIR DE POESIA

Ler poemas na sala de aula pode ser um meio interessante para desenvolver o gosto pela leitura e para descobrir o modo como os poetas usam as potencialidades da língua para a expressão de perspetivas originais e subjetivas de ver o mundo.

Passar da leitura de poemas à sua produção escrita é um passo muito grande que pode ter consequências interessantes para a aprendizagem da língua. Pretender criar pequenos poetas pode perigosamente reduzir a ideia de poesia, porque esta não se compadece com inexperiência de vida ou capacidades limitadas de expressão linguística. Mas criar condições para que as crianças descubram formas excecionais de comunicar

está ao alcance e deve ser uma preocupação do professor na aula de Língua Materna. Ler poesia com a criança, criar condições para que a criança descubra que só conhece parcialmente a língua que fala e em que escreve, levá-la a escrever à maneira dos poetas é uma tarefa estimulante para o professor e, sem dúvida, lucrativa para a criança.

Os textos poéticos possuem propriedades linguísticas e retóricas que dificilmente se encontram em outros tipos de textos. A melhor forma de tomar consciência desses atributos, em ambiente escolar, parece-nos ser uma combinatória de atividades de leitura em voz alta e de leitura silenciosa. Só na leitura oral há a possibilidade de se captar o ritmo, a alternância de sons fracos e fortes, as rimas; só nessa modalidade se podem ensaiar estratégias prosódicas que abram caminho à compreensão e interpretações variadas. Ler muitas vezes e de várias maneiras ajuda a passar de uma leitura de envolvimento total a uma leitura distanciada, em que se capta, conscientemente, o material linguístico que poderá ser integrado em produções escritas posteriores.

Apresentamos uma seleção de oito poemas de autor e de textos produzidos “à maneira de...” por alunos do 3.º ao 6.º ano de escolaridade, de entre muitos materiais existentes no projeto Littera. Para cada um dos trabalhos é apresentado o poema original, o contexto de realização e as orientações que condicionaram a produção; por fim, apresentam-se as produções dos alunos, em que se pode observar a forma como leram, como reutilizaram o produto da leitura e se apropriaram de estruturas linguísticas e discursivas. Enunciamos os objetivos que possivelmente presidiram à tarefa e tecemos um comentário sobre as propriedades dos textos produzidos e sobre a forma como os alunos reutilizaram o produto da leitura. Por vezes, fazemos referência a outros aspetos que poderiam ser aprofundados na sequência de desempenhos menos conseguidos. É nossa intenção valorizar o que, em termos de aprendizagem da escrita, se pode retirar destas atividades de pastiche, de réplica, que normalmente são tão negligenciadas.

É tão bom não ter juízo

P1.

É tão bom não ter juízo

Ser um rapaz com juízo?
Ah, isso não é preciso!

É tão bom ser diabrete,
pintar de verde o tapete
É tão bom ser um mauzão,
deitar pimenta no pão.
É tão bom ser um pirata,
puxar o rabo da gata.
É tão bom ser um traquinas,
despentear as meninas.
É tão bom ser um travesso,
vestir tudo do avesso.
É tão bom ser um marau,
pôr no lixo o bacalhau.
É tão bom ser desastrado,
cair no lago calçado.
É tão bom ser malandrão.
Roer os ossos do cão.
É tão bom ser um maroto
pôr no prato um gafanhoto.
Tão bom ser insuportável,
pisar um senhor notável.
Ser sempre inconveniente,
ao careca dar um pente.
É tão bom ser mau, mau, mau,
soltar na aula um lacrau.

O pior é quando a mãe
resolve ser má também.

Luísa Ducla Soares (2000)
Conto Estrelas em Ti
Lisboa: Campo de Letras.

P1.a

Ser um rapaz com juízo?
Ah, isso não é preciso!

É tão bom ser diabrete,
pintar de verde o tapete
É tão bom ser um mauzão,
deitar pimenta no _____
É tão bom ser um pirata,
puxar o rabo da _____
É tão bom ser um traquinas,
despentear as _____
É tão bom ser um travesso,
vestir tudo do _____
É tão bom ser um marau,
pôr no lixo o _____
É tão bom ser desastrado,
cair no lago calçado.
É tão bom ser malandrão.
Roer os ossos do cão.
É tão bom ser um maroto
pôr no prato um _____
Tão bom ser insuportável,
pisar um senhor notável.
Ser sempre inconveniente,
ao careca dar um _____.
É tão bom ser mau, mau, mau,
soltar na aula um _____

O pior é quando a mãe
resolve ser má também.

P1.b

*Ser um rapaz com juízo?
Ah, isso não é preciso!*

*É tão bom ser diabrete,
pintar de verde o tapete
É tão bom ser um mauzão,
deitar pimenta no **cão**.
É tão bom ser um pirata,
puxar o rabo da **gata**.
É tão bom ser um traquinas,
despentear as **esquinas**.
É tão bom ser um travesso,
vestir tudo do **avesso**.
É tão bom ser um marau,
pôr no lixo o **pau**.
É tão bom ser desastrado
cair no lago calçado.
É tão bom ser malandrão.
Roer os ossos do cão.
É tão bom ser um maroto
pôr no prato um **garoto**.
Tão bom ser insuportável,
pisar um senhor notável
Ser sempre inconveniente,
ao careca dar um **pente**
É tão bom ser mau, mau, mau,
soltar na aula um **au, au, au**.*

*O pior é quando a mãe
resolve ser má também.*

Marina, 3.º ano

Contexto de produção e tarefa

Após audição do poema, os alunos receberam uma versão a que foram retiradas palavras no final do segundo verso de alguns dísticos; as palavras omitidas deveriam ser substituídas por outras que encaixassem “bem”.

Objetivos

Apreender o sentido global do poema, o que implica captar a irreverência dada pelo mote.

Demonstrar a compreensão do poema através de uma seleção de palavras que, pelas suas propriedades semânticas e fonológicas (estrutura silábica e acento), mantivessem o seu sentido e não quebrassem o ritmo e rima.

Texto produzido

Das oito palavras a substituir, só duas são selecionadas adequadamente (pão/cão; meninas/esquinas); em três casos, há substituição adequada no que respeita à rima, mas

não à estrutura silábica (bacalhau/pau; lacrau/au, au, au; gafanhoto/garoto), alterando-se a métrica. Nos casos restantes há reutilização das palavras do poema.

Aspetos a trabalhar

O ritmo do poema, o que passa pela descoberta da medida constante do verso (7 sílabas métricas) e do esquema rimático (rimas soantes emparelhadas).

A estrutura das palavras em termos do número de sílabas que as constituem e da identificação da sílaba tónica que por vezes é grave, outras aguda.

Leitura em voz alta para descobrir o ritmo; ler ritmadamente marcando a estrutura estrófica dos versos da rima emparelhada.

Dado que há palavras que seria difícil substituir por imperativos de forma ou de sentido (vestir tudo do avesso; ao careca dar um pente; pôr no prato um gafanhoto) poder-se-ia trabalhar com palavras ou pseudo palavras que respeitassem a métrica e a rima e brincassem com o *nonsense*: gafanhoto/laparoto/sarapoto/saltitoto; ao careca dar um pente/dente/tente/nente/blente; tapete/sorvete/clarete/alete; bacalhau/berimbau/varapau/lurat au.

Na rua onde moro

P2.

Na rua onde moro

Na rua onde moro
vive um papagaio
de muito bom palrar
repete tudo o que lhe digo
sem eu nada lhe perguntar

Na rua onde moro
vive um canário
de muito bom cantar
dia em que ele não cante
apetece-me chorar

Na rua onde moro
vive uma galinha
que anda sempre a depenicar
depenica depenica
para poder engordar

Na rua onde moro
vive um cão
de muito bom ladrar
cão que ladra não morde
mas nunca é bom fiar

Na rua onde moro
vive um gato
de muito bom miar
mas ele só mia quando
os ratos não se deixam apanhar

Na rua onde moro
vive um cágado
de muito ligeiro andar
é tão lento tão lento
que tenho de o empurrar

Na rua onde moro
vive um menino
de muito triste olhar
perdeu os amigos
quem o quer ajudar?

Garcia Barreto (1981)
Na Rua onde moro
Lisboa: Plátano Editora.

P2.a

*Na rua onde moro
Há um papagaio
Que não pára de falar
E assim não nos
Pára de chatear.*

*Na rua onde moro
há um velho
mesmo velho
que não pára de se ver
ao seu espelho.*

*No prédio onde moro
existe um cão
que não pára
de brincar
até se cansar.*

*No bairro onde moro
há um campo de estrelas
que não
param de estrelar.*

Paulo, 3º ano

P2.b

*No prédio onde moro
vive o meu primo
quando quer brincar
e eu não estou p'ra isso
não para de me chatear*

Hélder, 3º ano

P2.c

*Na rua onde moro
Vive um pavão
Depenica depenica
E de tanto passear
Acaba por cair no chão.*

*No prédio onde moro
Vive uma menina
Que à corda gosta de saltar
Mas na carrinha
Vai sem falar.*

Mariana, 3º ano

Contexto de produção e tarefa

Após a leitura do poema, os alunos deveriam construir poemas similares considerando o mote (*na rua onde moro*) e preservando aspetos formais que evidenciassem paralelismo formal.

Objetivos

Identificar e reutilizar a estrutura discursiva, nomeadamente a relação entre a primeira pessoa, sujeito de enunciação, e a entidade introduzida.

Identificar e reutilizar processos formais de construção do poema, nomeadamente a estrutura em estrofes de cinco versos, a rima cruzada entre o 3.º e o 5.º verso de cada estrofe e a manutenção da matriz sintática do refrão.

Texto produzido

Em todos os poemas apresentados preserva-se a estrutura discursiva: nomeia-se uma entidade (um primo, um velho, um campo de estrelas, um pavão, uma menina) e sobre ela se predica por recurso a construções muito variadas.

Nos três textos, há respeito pela estrutura estrófica (apenas uma violação numa das estrofes de um poema de quatro). Não há problemas na manutenção da estrutura sintática dos dois primeiros versos, muito simples (em P2.a usam-se verbos existenciais diversificados: *haver* e *existir* em alternativa a *viver*), mas há grande dificuldade em replicar a estrutura do terceiro verso, uma estrutura de complementação nominal pouco frequente. Mantém-se a estrutura estrófica, e apenas alguma rima é mantida.

Em resumo, do poema de Garcia Barreto guarda-se muito bem a perspetiva enunciativa, mas dá-se claramente menos atenção a aspetos formais do poema.

O Crocodilo

P3.

O Crocodilo

Andava eu a nadar
no rio Nilo,
apareceu-me um crocodilo
com o rabo a rabiá
e dentes muito afiados
para me trincar.
Aquilo era inesperado.
Eu nunca sonhara achar-me
sozinho no rio Nilo
diante de um crocodilo.
Lembrei-me de lhe perguntar.
- Sabes nadar em marcha-atrás?
- Claro que sei, meu rapaz –
disse o crocodilo.
E partiu logo às arreguas
em grande estilo,
deixando-me outra vez tranquilo
nas mansas águas do rio Nilo.

P3.a

Andava eu _____

apareceu-me _____

Aquilo era inesperado.
Eu nunca sonhara achar-me
sozinho _____
diante de _____
Lembrei-me de lhe perguntar.

disse _____

P3.b

O Tigre

Andava eu a caçar
na selva africana
apareceu-me um tigre
com ar muito mau
e eu fiquei quieto
como um pau
Aquilo era inesperado
Eu nunca sonhara achar-me
sozinho numa selva sem fim
diante de um tigre tão ruim.
Lembrei-me de lhe perguntar.
- Sabias que na tua casa tens
um coelho para o jantar?
- Então vou já lá para o trincar –
disse o tigre espantado.
E eu pude livrar-me do tigre malvado.

Rodrigo e José, 5.º ano

Contexto de produção e tarefa

Após leitura da poesia original, os alunos deveriam fazer uma nova poesia a partir da estrutura dada (P3.a) e escolhendo um outro animal como protagonista da história a

narrar no poema. Note-se que a estrutura proposta preserva a forma de abertura da narrativa, o verbo introdutório (*apareceu-me...*) e o comentário que condiciona e assegura a imprevisibilidade ou originalidade da história (*Aquilo era inesperado./Eu nunca sonhara...*)

Objetivos

Manter a estrutura global do poema, o que implica controlo de aspetos discursivos, nomeadamente a estrutura dialógica, assim como a captação da situação artilosa entre as duas entidades participantes.

Depreender que a mancha gráfica do poema na página é conseguida por uma segmentação da estrutura sintática, que ajuda a imprimir um certo ritmo ao texto.

Descobrir que há vários padrões de rimas que contribuem para o ritmo poético.

Texto produzido

Há uma apropriação interessante do discurso e da estrutura. Faz-se uma quebra de verso em lugares sintáticos adequados e, com o uso de rimas de vários tipos, consegue-se obter um ritmo razoável. Também a situação representada não fica aquém da original: consegue-se uma estrutura narrativa idêntica, mantém-se o diálogo e a situação equívoca.

No Jardim havia um pato

P4.

1. Era uma vez um jardim com lagos, patos e gatos.
2. Aqui temos nós um gato.
3. Um valente gato branco.
4. Aqui temos nós um pato.
5. Um bonito pato preto.
6. Agora começa a história.
7. O gato comia ratos e tinha medo dos patos.
8. O pato batia as asas e tinha medo dos gatos.
9. Os patos estavam no lago.
10. Bem escondido estava o rato.
11. À espreita do rato só podia estar o gato.
12. E o pato?
13. Mas tinha medo do gato.
14. E o rato?
15. O rato queria fugir.
16. Mas via o gato a espreitar.
17. Chega então um pardalito.
18. Salta para aqui, para ali.
19. Não vê o gato, não vê.
20. E o gato?
21. O gato pensa: Tenho pardal para o almoço.
22. Pensa o gato: Para o jantar fica o rato.
23. O pato que tudo viu bate as asas, faz quá quá.
24. Foge o pardal.
25. Foge o rato.
26. Fica o gato sem jantar.
27. Zanga-se o gato com o pato.
28. E o pato?
29. O pato fica a pensar:
30. Como é bom poder nadar.

P4.a

1. *Era uma vez um jardim com pássaros, cães e flores.*
2. *Aqui temos nós um pássaro.*
3. *Um belo pássaro cor-de-laranja.*
4. *Aqui temos nós um cão.*
5. *Um valente cão rafeiro.*
6. *Agora começa a história.*
7. *O pássaro comia ervas e tinha medo do cão.*
8. *As flores bebiam água e tinham medo do pássaro.*
9. *O pássaro fugiu para a árvore*
10. *O cão estava ao sol.*
11. *Bem escondido estava o pássaro.*
12. *À espreita do pássaro só podia estar o cão.*
13. *E as flores?*
14. *As flores queriam ir beber água.*
15. *Mas tinham medo do pássaro.*
16. *E o pássaro?*
17. *O pássaro bem queria voar!*
18. *Distrai-se entretanto o cão...*
19. *E o pássaro pensa: É agora!*
20. *Salta por aqui, por ali...*
21. *Não vê o cão, não vê.*
22. *E o cão?*
23. *O cão pensa: Tenho pardal para o jantar.*

Mário, 3º ano

Contexto de produção e tarefa

Dispondo do texto, os alunos deveriam construir um poema paralelo variando os animais e as relações estabelecidas, mas tendo como suporte o material do texto original assinalado a negrito. Dão-se formas introdutórias da narrativa em termos de tempo e de espaço (*Era uma vez um jardim...*), mas no restante apenas se deixam, como vestígios do poema original, palavras soltas que deverão servir como âncoras que asseguram a ligação ao poema original.

Objetivos

Identificar quer a trama da história, quer os mecanismos linguísticos e discursivos que conferem ao poema o tom narrativo, quase de lengalenga.

Identificar e reutilizar um registo enumerativo por recurso a estruturas paralelas, a repetições, a rimas de vários tipos, à alternância entre versos curtos e longos.

Texto produzido

Embora haja redução da extensão do texto produzido (de 30 para 23 versos), consegue-se um equilíbrio narrativo com informação suficiente para a coerência da história. Respeita-se a estrutura sintática dos versos e com frequência há uso do paralelismo estrutural (versos 2 e 3; 4 e 5; 7 e 8), o que reforça o ritmo pretendido.

Recorre-se também a ordens de palavras pouco frequentes, o que apenas se pode explicar por apropriação de padrões existentes no poema de Natércia Rocha e pelas pistas estratégicas impostas pela matriz dada. Há posposição do sujeito relativamente ao verbo em três versos, quer por réplica das estruturas do poema: *Bem escondido estava o pássaro; À espreita do pássaro só podia estar o cão*; quer por iniciativa do aluno: *Distrai-se entretanto o cão...* A pontuação é estrategicamente usada, à semelhança do texto original, para criar efeitos retóricos de comunicação interativa.

No último andar

P5.

No último andar é mais bonito:
Do último andar se vê o mar.
É lá que eu quero morar.

O último andar é muito longe:
Custa-se muito a lá chegar.
Mas é lá que eu quero morar.

Todo o céu fica a noite inteira
Sobre o último andar.
É lá que eu quero morar.

P5a.

No primeiro andar

*O primeiro andar é o melhor
Porque mais perto da vida pareço estar
E é mais fácil de lá chegar.
É lá que eu quero morar.*

*É mais difícil de se cansar
Nas árvores posso tocar
porque é o primeiro andar
É lá que eu quero morar*

Quando faz lua no terraço
Fica todo o luar.
É lá que eu quero morar.

Os passarinhos lá se escondem,
Para ninguém os maltratar:
No último andar.

De lá se avista o mundo inteiro:
Tudo parece perto, no ar.
É lá que eu quero morar:

no último andar.

*Os carros posso vigiar
No primeiro andar
O elevador não preciso de usar
É lá que eu quero morar.*

*É mais fácil de sair e entrar
Nunca me hei de cansar
Porque é o primeiro andar,
é lá que eu quero morar.*

No primeiro andar!

Sofia e Álvaro, 5.º ano

Cecília Meirelles (2002).
Antologia Poética.
Lisboa: Relógio D'Água

Contexto de produção e tarefa

Produção de poema à imagem de Cecília Meirelles, mas a partir de um novo mote (*No primeiro andar*) que, conjugado com o mesmo refrão do poema original (*É lá que eu quero morar*), obriga à inversão da perspetiva do mundo e a alterações na enunciação. Os alunos deveriam, assim, manter propriedades formais da poesia, produzindo, no entanto, uma argumentação poética que sustentasse a perspetiva contrária à enunciada no texto modelar.

Objetivos

Adotar um ponto de vista contrário ao enunciado no poema e utilizar estruturas de argumentação e avaliação, reapropriando-se de estruturas do texto original.

Manter a estrutura formal do poema no respeitante à estrutura estrófica e à rima.

Texto produzido

Há produção de um poema que traduz uma perspetiva pessoal, com argumentos originais e expressões avaliativas, sem que se perca a configuração de poema. Formalmente, em vez do uso de versos em dísticos mais o refrão, usam-se tercetos mais o refrão. Dir-se-ia que os alunos aparentemente precisam de mais texto para desenvolver ideias e usar estruturas de argumentação adequadas. Note-se o uso de rima constante (versos monorrimáticos, apenas com uma exceção) que parece servir a reiteração da afirmação de *ser melhor o primeiro andar*. Há emprego de construções sintáticas com recurso constante a tópicos marcados que alteram a ordem de palavras básica (*Nas árvores posso tocar/ Os carros posso vigiar/ O elevador não preciso de usar*). O texto revela uma atenção deliberada aos níveis formais e de conteúdo.

L de Lisboa

P6.

L de Lisboa

Lisboa
da luz
do líquido azul
das colinas,
lembrança de terramotos,
lágrima de despedida,
levantada e liberta.
Lisboa
das lojas,
dos largos,
do luxo,
do lixo,
do labor,
da luta,
da lata,
dos ladrões,
dos livros,
do lume das fogueiras,
dos labirintos do fado.
Lisboa,
lugar de encontro
do longe e do perto.
Lisboa,
com lantejoulas a lembrar ouro
debaixo da lua.
Lisboa.

P6. a

Lisboa
*das sete colinas
dos barcos a chegar
e a partir
alegrias e tristezas
chorar e sorrir.*
Lisboa
*dos sismos
e dos incêndios
a destruir
e dos homens
a reconstruir*
Lisboa
*das escolas
das praças
da indústria
do desporto
e da música.*
Lisboa
*das ruas perdidas
aqui e acolá.*
Lisboa
*cidade bonita
como uma flor a rebentar*

Rafael, 5.º ano

Luísa Ducla Soares (2003)
A Cavalos no Tempo, Barcelos: Livraria
Civilização, Editora

Contexto de produção e tarefa

Os alunos deveriam produzir poemas sobre Lisboa, em que a cidade surgisse com atributos diferentes dos do poema original, decorrentes da experiência e do conhecimento de cada um. Deveria dar-se atenção particular à estrutura global do poema (veja-se, a negrito, a obrigatoriedade de nomear Lisboa cinco vezes como no texto original), mas também a aspetos micro linguísticos, como o valor da aliteração provocado pela recorrência à letra L de Lisboa.

Objetivos

Identificar e reutilizar a estrutura e o ritmo do poema.

Apropriar-se dos efeitos da aliteração, tomando consciência das relações entre a lera e o som, e do efeito melódico da recorrência à consoante líquida.

Reconhecer a associação entre a quebra do verso e a estrutura sintática: entidade nomeada, *Lisboa*, e estruturas de modificação, listando sobretudo sintagmas preposicionais, mas também expressões nominais.

Texto produzido

Manutenção da estrutura e do sentido do poema. Há preocupações em manter alguma rima, mas perde-se a melodia, em consequência da ausência da aliteração e da dificuldade em manipular a segmentação dos versos.

É notória uma apropriação do estilo enumerativo, replicando a estrutura sintática e de versificação. Há réplica total: *Lisboa/ das escolas/das praças/ da indústria/do desporto/ e da música*, e também réplica parcial: *Lisboa/ dos sismos/ e dos incêndios/a destruir/e dos homens a reconstruir*, fazendo-se segmentações inesperadas de expressões descritivas.

Aspetos a trabalhar

A plasticidade dos sons e o ritmo do verso curto seriam aspetos a trabalhar em particular. No caso da aliteração, poderiam explorar-se aprofundadamente quer a que é anunciada no título – L de Lisboa – como as retomas que no interior da poesia se vão fazendo por via de outras associações de sons que se fazem entre pares de palavras: *do luxo/do lixo, da luta/da lata*.

A partir de outras cidades e das suas letras capitais (*P de Porto; B de Braga, ...*), poderiam fazer-se ensaios de produção em que a atenção se focasse nos sons e nas letras para a obtenção de efeitos melódicos.

Balada do Rei das Sereias

<p>P7.</p> <p>Balada do Rei das Sereias</p> <p>O rei atirou Seu anel ao mar E disse às sereias - Ide-o lá buscar, Que se o não trouxerdes, Virareis espuma Das ondas do mar!</p> <p>Foram as sereias. Não tardou, voltaram Com o perdido anel. Maldito capricho De rei cruel!</p> <p>O rei atirou Grãos de arroz ao mar E disse às sereias: - Ide-os lá buscar, Que se não os trouxerdes, Virareis espuma Das ondas do mar!</p> <p>Foram as sereias Não tardou, voltaram, Não faltava um grão. Maldito capricho Do mau coração!</p> <p>O rei atirou</p>	<p>P7.a</p> <p>Balada da Rainha das Sereias</p> <p><i>A rainha viu Ulisses Ao longe a passar E disse às sereias: - Ide-o lá buscar, Que se não o trouxerdes Virareis espuma Das ondas do mar!</i></p> <p><i>Foram as sereias. Não tardou, voltaram Com um marinheiro perdido Mas não era Ulisses Era um mendigo.</i></p> <p><i>A rainha cantou, cantou E voltou a cantar E disse às sereias: - Ide-o lá buscar, Que se não o trouxerdes, Virareis espuma Das ondas do mar!</i></p> <p><i>Foram as sereias Não tardou, voltaram Com um jovem encantado Mas não era Ulisses Era um jovem enamorado. A rainha chamou, chamou E voltou a chamar</i></p>	<p>P7.b</p> <p>Balada da Rainha das Sereias</p> <p><i>Disseram à rainha: - Rainha, rainha minha, A um mastro do barco Ulisses amarrado está! Somos sereias Não podemos ir lá.</i></p> <p><i>- Maldito capricho! Tragam-me esse homem, Tragam-no já. Usem os vossos feitiços E ele obedecerá.</i></p> <p><i>Disseram à rainha: - Rainha, rainha minha, A tudo Ulisses resistiu. E quando ameaçámos Penélope raptar, Tapou os ouvidos E deu ordens para avançar.</i></p> <p><i>- Maldito capricho! Não sabeis cativar. Agora por castigo, Virareis espuma do mar.</i></p> <p>Manuel, 6.º ano</p>
---	--	---

<p>Sua filha ao mar E disse às sereias: - Ide-a lá buscar, Que se não a trouxerdes Virareis espuma das ondas do mar!</p> <p>Foram as sereias... Quem as viu voltar? ... Não voltaram nunca! Viraram espuma Das ondas do mar.</p> <p>Manuel bandeira (2006). Antologia Lisboa: Relógio d'Água.</p>	<p><i>E disse às sereias:</i> - Ide-o lá buscar, <i>Que se não o trouxerdes</i> <i>Virareis espuma das ondas do mar!</i></p> <p><i>Foram as sereias</i> <i>Voltaram de mãos a abanar</i> <i>Explicaram à rainha</i> <i>Ulisses, o valente</i> <i>Não chegou a cair ao mar.</i></p> <p>Manuel, 6.º ano</p>	
---	---	--

Contexto de produção e de tarefa

No contexto do projeto de leitura da obra integral *Ulisses*, de Maria Alberta Menéres, os alunos deveriam produzir poemas alusivos à obra, cruzando leituras relacionadas. Neste caso pretendia-se a produção de textos poéticos a partir do poema narrativo de Manuel Bandeira, mas com restrições fortes: apenas deveria ser mudado o texto que não está assinalado a negrito. Além disso, o título proposto modifica a perspetiva enunciativa: a *Balada do Rei* passa a *Balada da Rainha*.

Objetivos

Reconhecer o modo de inserção da história no poema, o que passa por identificar propriedades da balada: a solenidade da voz narrativa, a história lendária narrada, o tom melódico, entre outras.

Apropriar-se das estruturas repetitivas recorrentes no poema, ao nível discursivo, frásico ou estrófico.

Identificar e reutilizar formas de tratamento formais.

Texto produzido

Os textos produzidos são exemplares de duas estratégias bem distintas, mas de resultados muito interessantes.

Em P7.a, respeita-se integralmente a estrutura do poema de base e as restrições impostas. Mesmo assim há uma parte criativa razoável, resultado do cruzamento de várias leituras relacionadas tematicamente. Preserva-se o tom de balada, quer pelas escolhas de estruturas discursivas e sintáticas, que imprimem um ritmo pausado, quer pela métrica e rima que, apesar de leves violações, conseguem recuperar o ritmo do poema de referência.

Já em P7.b, rompe-se com o formato do texto de referência, mas recuperam-se propriedades da balada que tornam o texto absolutamente reconhecível e assimilável à fonte. Adota-se a narração em voz impessoal (*Disseram à rainha*), usam-se estruturas pouco frequentes quanto à ordem de palavras (*A um mastro do barco/Ulisses amarrado está!*) a favor da criação de efeitos rimáticos. Reutilizam-se formas de tratamento pouco usuais como a 2.^a pessoa do plural, mas também se usa a 3.^a, sem se perder o tom solene (*Tragam-me esse homem/tragam-no já; Não sabeis cativar. Virareis espuma do mar*)

Deriva

P.8

Deriva

Vi as águas os cabos vi as ilhas
E o longo baloiçar dos coqueirais
Vi lagunas azuis como safiras
Rápidas aves furtivos animais
Vi prodígios espantos maravilhas
Vi homens nus bailando nos areais
E ouvi o fundo som das suas falas
Que já nenhum de nós entendeu mais
Vi ferros e vi setas e vi lanças
Oiro também à flor das ondas finas
E o diverso fulgor de outros metais
Vi pérolas e conchas e corais
Desertos fontes trémulas campinas
Vi o frescor das coisas naturais
Só do Preste João não vi sinais

As ordens que levava não cumpri
E assim contando tudo quanto vi
Não sei se tudo errei ou descobri.

Sophia de Mello Breyner (2002)
Navegações.
Lisboa: Editorial Caminho.

P8. a

Deriva

*Vi o mar misterioso
E terras desconhecidas.
Vi as coisas mais estranhas
de toda a minha vida.
Vi ciclopes altos como montanhas
Vi tempestades horríveis
E ouvi o belo canto das sereias
Que são maravilhosas como pérolas
Vi a guerra dolorosa
na qual sofri.
E saudades vivi
Vi cidades destruídas
aldeias incendiadas
Vi famílias perdidas
Só da minha não lembrava*

*Os mistérios desvendei
E agora recontei
Por tudo que passei.*

P8. b

Deriva

*Vi mares, ilhas, céus
E os peixes das lagoas
Vi plantas, animais
E grandes rios ancestrais*

*Vi terras de espantar
Vi aves maravilhosas
E ouvi as sereias a cantar
Que levavam os marinheiros pr' o fundo do mar
Vi reis, deuses, infernos imensos com multidões
E o dançar das flores que voavam pelo ar
Vi mosntros ferozes como leões
Vi magias e dragões
Só verdade ou imaginações?*

*Naveguei pelo mar sem sentido sem orientação
Fazendo-me levar pelo destino e a sua mão.*

João, 6.º ano

Marta, 6.º ano

Contexto de produção e tarefa

Durante o projeto de leitura da obra integral *Ulisses*, de Maria Alberta Menéres, os alunos deveriam produzir um poema cujo sujeito enunciador seria Ulisses. Para tal deveriam seguir a estrutura do poema *Deriva*, mantendo a primeira palavra de cada verso (assinalada a negrito)

Objetivos

Reproduzir a estrutura do poema, com a ajuda da palavra inicial de cada verso.

Reutilizar a estrutura enumerativa, com observação das construções sintáticas em cada verso.

Adotar a perspetiva descritiva, relatando coisas extraordinárias, nomeações de lugares, de pessoas e de objetos, o que implica escolhas vocabulares menos frequentes.

Texto produzido

Ambos os textos conseguem replicar a perspetiva enunciativa, na primeira pessoa, com expressões de subjetividade, incorporando informação obtida em leituras relacionadas. Onde há mais dificuldade é precisamente nos processos linguísticos, associados a marcação da pontuação, na expressão da enumeração. Os alunos não ousam a liberdade criativa de Sophia e, canonicamente, empilham palavras ou expressões separadas por vírgulas (*Vi mares, ilhas, céus*), ou expressões coordenadas com conjunção (*Vi o mar misterioso/E terras desconhecidas.*) com resultados muito razoáveis.

Formalmente, tenta-se que haja rima (mais bem conseguida em P8.b do que em P8.a), e faz-se o remate com uma estrofe de síntese. *Deriva* modela as produções com bons resultados.

Extraído de:

Costa, Armanda, Sofia Vasconcelos e Vitória de Sousa (2010). *Muitas ideias, um mar de palavras: propostas para o ensino da escrita*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp.157-173.